

A Saída do Lar e o Processo de Formação dos Domicílios na Inglaterra Pré-Industrial

RICHARD WALL(*)

Resumo

Este trabalho visa detectar aspectos da história da família na Inglaterra a partir de detalhes sobre padrões familiares encontrados em censos de determinadas localidades, realizados em épocas diversas entre o fim do século XVI e início do século XIX. São considerados apenas os aspectos relativos aos padrões familiares de populações do passado que se enquadram na estrutura imposta pelo grupo residente no lar - o domicílio.

Palavras-chave: demografia histórica, padrões familiares, domicílio, Inglaterra.

Abstract

The purpose of this paper is to found some aspects of the history of the family in England from the detail on family patterns to be found in censuses of particular localities, conducted at various times between the end of the sixteenth century and the early nineteenth century. Only those aspects of the family patterns of past populations which fall within the framework imposed by the resident domestic group, the household, are in view.

Key words: history demography, family patterns, household, England.

O autor pertence ao Grupo de História de População da Cambridge University.

() Este trabalho foi originalmente apresentado na conferência anglo-húngara de historiadores, realizada em Szecseny em maio de 1986. Gostaria de agradecer aos participantes, britânicos e húngaros, pelos comentários.*

() Este artigo foi publicado originalmente em *Continuity and Change* 2 (1):77-101, 1987.*

*Tradução de Laura Teixeira Motta, do original *Leaving home and the process of household formation in pre-industrial England*.*

Os Historiadores e a História da Família

Os historiadores que estudam a família dispõem de uma vasta gama de fontes, desde as literárias, na forma de diários, autobiografias e cartas, até as mais triviais, como os registros paroquiais e os censos. Essas fontes são tão variadas que cada uma originou uma história da família segundo sua própria imagem, muito valorizada pelos que dela se utilizam⁽¹⁾. Na prática, porém, é mais fácil criticar do que defender uma história da família que se fundamenta acentuadamente em uma fonte específica. O que podem nos revelar os diários a respeito de setores da sociedade cujos membros nunca usaram papel e caneta a não ser para fazer uma cruz no lugar da assinatura no registro de casamento após 1754? Em que medida podemos confiar em testemunhos orais para recuperar as características da vida familiar que eram importantes naquela época? Oferecerão eles mais do que uma visão infantil do passado colorida pelas preocupações de então? Será realista esperar descortinar a rotina da vida familiar a partir de processos judiciais em que vizinhos trocaram insultos com vistas a conseguir um veredito favorável do tribunal?

Na história da família escrita a partir de registros paroquiais e censos podem-se apontar deficiências semelhantes. Tais fontes evidentemente nada podem dizer a respeito das atitudes e sentimentos que os membros de uma família apresentavam uns pelos outros ou por vizinhos, parentes, pessoas vindas de outro povoado e andarilhos. Mesmo no que concerne a características mais facilmente mensuráveis da família e do domicílio – tamanho, por exemplo – tais fontes quase nunca são totalmente compreensíveis ou inequívocas. A reconstituição de registros paroquiais, relacionando os batismos, casamentos e óbitos dos indivíduos de determinadas famílias, pode proporcionar fascinantes revelações sobre a demografia dos residentes fixos, mas deixa os migrantes envoltos em obscuridade. O censo, por sua vez, concentra a atenção nas pessoas que moram juntas (o domicílio) e nos respectivos inquilinos, incentivando assim que se deixem em segundo plano os aspectos da cooperação entre vizinhos e entre a família e os parentes residentes em outra parte.

A reação comum a esse tipo de problema é apregoar as virtudes do ecletismo na escolha das fontes, mas trabalhar com base em fontes bem conhecidas, sonhando que se está estudando uma população sueca com registros populacionais abrangentes e eclesiásticos conscienciosos. Entretanto, é possível assumir uma atitude mais positiva em relação às fontes disponíveis. O procedimento adotado neste trabalho consiste em especificar o que se pode constatar sobre a história da família na Inglaterra a partir de detalhes sobre padrões familiares encontrados em censos de determinadas

(1) Ver o importante folheto de ANDERSON (1980)

localidades, realizados em épocas diversas entre o fim do século dezesseis e o início do século dezenove. Essa abordagem tem de ser realista. Há limitações e deficiências que não podem ser corrigidas. São considerados apenas os aspectos dos padrões familiares de populações do passado que se enquadram na estrutura imposta pelo grupo residente no lar – o domicílio. Naturalmente, também seria arriscado fazer afirmações categóricas sobre mudanças ao longo do tempo, mesmo em se tratando de formas domiciliares para as quais há informações disponíveis apenas sob a forma de registros isolados de comunidades específicas e em geral diferentes. As famílias e domicílios vivenciaram um processo contínuo de mudança. O ideal seria estudá-los desde a formação até a extinção. Com censos anuais como os existentes para algumas paróquias austríacas ou onde há disponibilidade de registros populacionais, isso é possível. Esse, porém, não é o caso da Inglaterra.

Por outro lado, o censo tem suas vantagens. Ao contrário do registro paroquial, ele proporciona um retrato abrangente de uma comunidade em determinado momento no tempo, incluindo setores da população como os criados residentes na casa dos patrões. A criadagem é arrolada com frequência irregular em outros documentos, e mesmo assim aparece apenas em ocasiões especiais, como por exemplo ao receber salários, brigar em tavernas ou conceber filhos fora do casamento. Onde, exceto em um censo, descobrir quantos filhos não moravam com os pais ou se era possível mulheres não casadas sustentarem-se sozinhas (WALL, 1981)? Infelizmente, porém, o censo nem sempre tem sido explorado com eficácia. Os estudiosos têm de fazer mais do que meramente apresentar um quadro geral baseado no número de filhos, parentes ou criados do chefe do domicílio ou, como ocorre o mais das vezes, supor que se pode descrever adequadamente o domicílio com um relatório sobre o número de domicílios simples, ampliados ou múltiplos⁽²⁾. O exame detalhado dos membros do domicílio em termos de idade, sexo, relações e emprego pode, por exemplo, revelar preciosas informações sobre o processo de saída dos filhos da casa paterna e as circunstâncias atinentes à chegada ao domicílio de parentes mais distantes. Em um estudo recente sobre estes parentes em Colyton, no sudeste de Devon, a mais intensivamente examinada paróquia da Inglaterra, foi possível demonstrar que a presença dos mesmos resultava em grande medida da

(2) Esse método de categorização, apresentado pela primeira vez em LASLETT (1972, p. 31), considera somente a estrutura familiar do domicílio. A unidade básica é a família simples (apenas o casal, ou ainda o casal ou um dos pais com filhos solteiros). Na presença de outros parentes que não formem sua própria família, o domicílio é denominado "ampliado", ou múltiplo no caso de existirem duas ou mais famílias afins. O método também leva em conta dois tipos de domicílio onde inexistem laços familiares: os solitários e as pessoas, associadas ou não, que moram juntas e não formam sua própria família.

capacidade que tinha o domicílio de fornecer abrigo aos necessitados (WALL, 1986). Foram identificadas três categorias principais de parentes: idosos, pais solitários e crianças órfãs. Pouquíssimos parentes foram arrolados como criados ou parceiros na ocupação exercida pelo chefe do domicílio. Entre os adultos, predominavam as mulheres. Jovens ou idosas, sua contribuição para o domicílio provavelmente era mínima (poucas tinham emprego, sendo que as ocupações dessa população foram excepcionalmente bem registradas). Entretanto, sua função de "prestadoras de serviços" possivelmente foi muito

TABELA 1
NÚMERO MÉDIO DE PESSOAS POR DOMICÍLIO, INGLATERRA,
SÉCULOS DEZESSETE A DEZENOVE

Relação com o Chefe do Domicílio	1650-1749	1750-1821	1851 ^(a)	
			Rural	Urbana
Chefe + esposa	1,63	1,75	1,71	1,64
Prole	1,77	2,09	2,10	1,91
Parentes	0,16	0,22	0,33	0,27
Criados	0,61	0,51	0,33	0,14
Subtotal ^(b)	4,18	4,57	4,47	3,96
Inquilinos	0,26	0,24	0,24	0,50
Total ^(b)	4,44	4,81	4,71	4,46
N (domicílios)	866	1.900	2.467	1.961

Notas: (a) Exclui Londres.
 (b) O arredondamento dos valores em duas casas decimais explica a ligeira discrepância ocasional entre os totais e a soma dos valores nas colunas.

Fontes:

1650-1749 Levantamentos de Goodnestone 1676, Clayworth 1676, London St Mary Woolchurch 1695, Southampton St John 1695, Southampton Holy Rhood e St Lawrence 1696, Harefield 1699, Puddletown 1724/5.

1750-1821 Levantamentos de Forthampton 1752, West Wycombe 1760, Heyford e Caldecote 1771, Morley 1787, Bampton 1787, Barton 1787, Hackthorpe 1787, Kings Meaburn 1787, Lowther 1787, Morland 1787, Newby 1787, Great Strickland 1787, Corfe Castle 1790, Ardleigh 1796, Binfield 1801, Barkway e Reed 1801, Littleover 1811, Mickleover 1811.

1851 Calculado a partir de dados fornecidos por Michael Anderson em um comunicado pessoal, com base em uma subamostra de dezesseis avos de tabelas de recenseadores.

importante. O domicílio não era uma instituição beneficente, e a parenta que nele vivia podia ter por certo que lhe seriam designadas diversas tarefas. Às vezes é possível inferir quais seriam essas funções a partir do registrado no censo, como no caso das mulheres que cuidavam da casa para irmãos solteiros ou viúvos. Muitos outros serviços úteis não foram registrados, tais como olhar os netos pequenos e mandar um filho sair da casa paterna para fazer companhia a avós idosos.

Mesmo no século dezenove, porém, os parentes não perfaziam mais de 7% do total de membros do domicílio (ver Tabela 1), e para compreendermos o processo de formação do domicílio e da família e da reconstituição destes após mortes na família parece ser aconselhável voltarmos a atenção para os grupos maiores na população: filhos, criados e chefes de domicílio, juntamente com as esposas. De fato, os estudos não tardaram a constatar a importância dos criados na sociedade inglesa pré-industrial, cujo trabalho denominou-se "serviço do ciclo de vida" por ser executado principalmente por indivíduos de determinadas faixas etárias que vivenciavam o intervalo entre a saída da casa paterna e o estabelecimento de um novo domicílio pelo casamento⁽³⁾. Também a relação entre o casamento tardio e a formação de um domicílio independente tem recebido considerável atenção recentemente como elemento fundamental do sistema de formação dos domicílios no noroeste da Europa (HAJNAL, 1983, especialmente p. 68-71 e 85-88). Contudo, muito menos ênfase tem sido dada ao processo pelo qual os filhos saíam da casa paterna⁽⁴⁾. Minha intenção é corrigir esse desequilíbrio concentrando o estudo na idade com que os filhos saíam da casa paterna e na questão da existência ou não da tendência de as filhas partirem mais cedo e em maior número do que os filhos. As mulheres, em média, casavam-se mais jovens do que os homens, mas a diversidade dos serviços, a capacidade paterna de usar a mão-de-obra de filhos e filhas e o maior potencial de remuneração dos indivíduos do sexo masculino geralmente dificultam inferir se os filhos se mostrariam dispostos a – ou poderiam – ser retidos em casa por mais tempo do que as filhas. Um fator fundamental sem dúvida teria sido os recursos dos pais para manter em casa determinado filho, geralmente mas não inevitavelmente do sexo masculino, na expectativa de herdar bens ou profissão⁽⁵⁾. Pelo que se pode julgar a partir das informações sobre a

(3) O relato mais completo sobre o "serviço do ciclo de vida" encontra-se em LASLETT (1977, p. 29-65). Para o termo "criado do ciclo de vida" (*life-cycle servant*), ver *ibid.*, p.34.

(4) Ver, entretanto, WALL (1978), que se baseia em metodologia diferente da usada no presente artigo, pois calcula o número de filhos que não moravam com os pais mas tinham pelo menos um dos pais vivo. O índice de saída, naturalmente, é mais alto do que no outro caso.

(5) Sobre a rejeição do direito de herança por uma filha, ver LE PLAY (1857). O caso ocorreu em meados do século dezenove, nos Baixos Pireneus.

ocupação do chefe de domicílio acerca da posse de tais recursos, podemos esperar grande variação nos números relativos de filhos e filhas em casa, dependendo do tipo de emprego do pai ou da mãe. Contudo, antes de examinar detalhadamente esses relacionamentos, são necessárias observações adicionais quanto à confiabilidade, para os fins deste trabalho, de nossas fontes, os censos locais e o quadro geral que eles fornecem sobre a forma dos domicílios ingleses nos séculos dezessete e dezoito.

Os Levantamentos Locais como Fonte para a História da Família

Embora o primeiro censo nacional da Inglaterra tenha sido organizado apenas em 1801, mesmo nos primórdios da Inglaterra moderna já se faziam necessários levantamentos populacionais. Os governos queriam saber o número de contribuintes. A Igreja precisava de informações sobre seus fiéis. O número de pobres era da alçada dos fabriqueiros* da Igreja e supervisores encarregados de levantar fundos para a manutenção dos despossuídos junto a todos os ocupantes de terras e casas na paróquia. Os proprietários de terras interessavam-se pelos arrendatários. Assim, os habitantes das vilas e cidades eram contados com certa regularidade, e um grande número desses levantamentos foi preservado até nossos dias. No entanto, com freqüência decepcionam-se os historiadores interessados nesses levantamentos pelo que eles revelam acerca dos tipos de famílias e domicílios estabelecidos por aqueles representantes das sociedades do passado. O Estado, a Igreja e os proprietários de terras em geral não se ocupavam de detalhes sobre o modo de vida da população. Em muitas ocasiões, julgou-se suficiente arrolar os nomes dos habitantes sem identificar suas relações familiares; em outras, constava o nome apenas do chefe do domicílio, e os demais membros eram identificados tão-somente em termos numéricos⁽⁶⁾. As listas com freqüência são imprecisas justamente nos pontos em que os historiadores necessitam de mais exatidão, os pormenores acerca dos relacionamentos e as fronteiras entre os domicílios. Raro era o recenseador que mencionava se o levantamento incluía todos os ocupantes de determinada casa, e mais raro ainda estar claro se isso abrangia os moradores de residências separadas

(6) Um guia das listas de habitantes, do qual o Grupo de Cambridge possui cópias, está sendo publicado em *Local Population Studies*. Em 1980 havia na coleção 568 listas, incluindo os levantamentos censitários de 1801, 1811, 1821 e 1831, e desde 1980 foram acrescidas 96 listas. Das 568 listas, 36% mencionam o nome dos indivíduos, e 24% (nem sempre as mesmas) fornecem detalhes sobre os parentes

* Na Igreja Anglicana, os fabriqueiros eram dois oficiais eleitos pelos fiéis para administrar as finanças e propriedades da igreja. (N.T.)

mas construídas na mesma estrutura física. A participação dos membros no domicílio tem de ser deduzida a partir de informações sobre os relacionamentos. Os inquilinos são excluídos porque pagavam pelo uso da residência, mas todos os outros, inclusive os criados, são considerados membros do domicílio por viverem juntos e partilharem sua renda ou recorrerem ao fundo comum para a subsistência⁽⁷⁾.

Mesmo as listas mais completas sem dúvida omitem os visitantes ocasionais dos domicílios. Neste sentido, apresentam o estado "ideal" da população, e não o "real", pois as pessoas eram arroladas segundo o domicílio em que residiam habitualmente, e não segundo o local onde de fato pernoitaram em uma data específica. Os primeiros quatro censos nacionais provavelmente seguiram linhas semelhantes. Embora perguntassem – como no questionário de 1801 – detalhes sobre "quantas pessoas, inclusive crianças de qualquer idade, encontram-se *de facto* nos limites de sua paróquia, cidade ou localidade por ocasião deste levantamento", como as informações podiam ser colhidas ao longo de vários dias e basear-se legitimamente no "conhecimento pessoal" de quem fornecia os números, teria sido difícil registrar movimentações temporárias entre domicílios. Somente em 1841, com a emissão de listas individuais para chefes de domicílio solicitando informações sobre as pessoas residentes em seu domicílio em uma noite específica, foi que a população *de facto* efetivamente foi registrada em um censo⁽⁸⁾. Essa é uma mudança importante, já que boa parte do movimento de entrada e saída dos domicílios era com certeza de caráter temporário. Filhos retornavam ao morrer um dos pais, mães iam para a casa das filhas para ajudar na hora do parto, trabalhadores mudavam de quarto alugado à procura de emprego. De fato, podem ter sido mais aparentes do que reais o aumento verificado entre a "época pré-industrial" e meados do século dezenove no número de parentes no domicílio e o aumento no número de inquilinos, aquele chamando muito a atenção dos estudiosos, este não tanto⁽⁹⁾.

Os dados apresentados na tabela 1 referem-se, portanto, ao grau de mudança ocorrido entre o final do século dezessete e o início do dezenove no

(7) Os problemas de identificação dos domicílios em populações passadas e da diversidade de suas funções são examinados com mais pormenores em meu prefácio a WALL, ROBIN & LASLETT (1983, p. 7-13).

(8) *Enumeration Abstract 1841 England and Wales*, 1, 4; Em *Enumeration England and Wales 1801* são relacionadas as questões em uma página introdutória, antes do resumo da população da Grã-Bretanha. O grifo no texto é deste autor.

(9) Sobre o aumento do número de parentes no domicílio, ver LASLETT (1977, p. 24); ANDERSON (1972, p. 220). Embora Anderson também mencione o aumento do número de inquilinos (p. 220, 225), ver a estimativa revista sobre o número de inquilinos na Inglaterra pré-industrial em LASLETT (1972, p. 134).

domicílio *de jure*. O grau de mudança verificado após esse período é mais incerto, devido à adoção de um tipo de censo *de facto*, em 1851. Os levantamentos locais que representam a situação da Inglaterra pré-industrial foram cuidadosamente escolhidos pela qualidade de seus registros. Em especial, todos os domicílios têm de estar claramente delimitados e todos, ou quase todos, os indivíduos identificados segundo sua relação específica com o chefe do domicílio. Listas que mencionam vagamente "crianças", em vez de especificar se se tratava de filho ou filha do chefe do domicílio, foram descartadas pelo risco de o termo genérico "criança" poder incluir diversos indivíduos, como os netos e sobrinhos do chefe do domicílio, que deveriam ser classificados como parentes, e não filhos, do mesmo⁽¹⁰⁾.

Assim, não podem restar muitas dúvidas de que os domicílios na Inglaterra pré-industrial eram em geral pequenos, contendo em média não mais do que 4,18 pessoas no final do século dezessete, tendo havido um aumento de no máximo 9% nesse tamanho em fins do século dezoito. No primeiro desses períodos, havia menos de dois filhos por domicílio e apenas 0,16 parentes. Os criados apareciam com frequência quase quatro vezes maior do que os parentes do chefe de domicílio⁽¹¹⁾. Ao longo do século dezoito houve um aumento tanto no número de filhos e parentes no domicílio como no número de chefes de domicílio casados, o que, em termos do impacto sobre o tamanho do domicílio, mais do que compensou a diminuição do número de criados. Tais mudanças não são inesperadas, dado o que agora se conhece acerca da demografia do período. A diminuição da idade por ocasião do primeiro casamento e o subsequente aumento na fecundidade global resultou na expansão do número de casais e filhos da população. O declínio na criadagem também não se desvincula totalmente das mudanças demográficas, pois em uma situação de aumento da população e queda de salários reais, os agricultores constataram que a mão-de-obra era relativamente abundante e barata, mas que era caro sustentar trabalhadores em casa⁽¹²⁾.

(10) Para evitar possíveis confusões com o termo "crianças", os filhos e enteados do chefe do domicílio foram designados como "prole" nas tabelas e figuras deste artigo.

(11) Sempre existe a possibilidade de alguns criados serem parentes (não reconhecidos) do chefe do domicílio. Referências sobre o emprego de parentes como criados aparecem nos diários de Pepys e Josselin, no século dezessete. Nas tabelas seguintes deste artigo, quando os criados puderam ser identificados como parentes, no caso de mesmo sobrenome, por exemplo, foram contados como parentes, e não como criados. Entretanto, as correções são mínimas; ver LASLETT (1972, p. 57). Sobre Josselin, ver MAC FARLANE (1970, p. 148).

(12) Estes argumentos são apresentados com mais detalhes em WALL (1983). Para a demografia da Inglaterra pré-industrial, ver WRIGLEY & SCHOFIELD (1981).

Agricultura, Proto-Indústria e o Ciclo de Vida

A simples divisão da população segundo o relacionamento com o chefe do domicílio, porém, permite compreender muito pouco da verdadeira natureza do domicílio na era pré-industrial. É necessário, no mínimo, levar em conta também o sexo e a idade dos membros do domicílio, ainda que isso signifique trabalhar com um número muito menor de localidades. A Figura 1 mostra, para Ealing, Ardleigh, Winwick with Hulme e Chilvers Coton, as proporções de cada grupo etário nas categorias de chefe de domicílio, esposa, filha ou filho, parente, criado ou outros. Em Ealing e Ardleigh predominava a agricultura; Winwick e Chilvers Coton eram comunidades proto-industriais⁽¹³⁾.

Vejamos primeiro Ealing, recenseada em 1599 (Figura 1a e 1b). É uma sorte um dos primeiros censos conhecidos especificar tão completamente as idades e relacionamentos. A proximidade de Londres, porém, garantia que Ealing diferia de uma comunidade "tradicional" tanto quanto se poderia esperar de uma comunidade rural em fins do século dezesseis. Entre seus habitantes havia comerciantes empreendedores, um médico e um residente que se intitulava caçador de toupeiras de Sua Majestade. Contudo, mais importante para a estrutura social era a presença de um internato para os filhos de *gentlemen* e gente abastada, bem como de crianças enviadas para serem criadas pela ama. Esses dois fatores explicam os números relativamente elevados de meninos com menos de quinze anos vivendo com pessoas com as quais não tinham parentesco ("outros", na Figura 1a). Se Ealing fosse mais distante de Londres, essa proporção provavelmente teria sido menor⁽¹⁴⁾. As principais características dos padrões domiciliares eram a idade avançada com que os indivíduos se tornavam chefes de domicílio e a predominância do número de criados. Apenas pouco mais de um quarto de todos os homens entre 25 e 29 anos chefiavam um domicílio, 16% das mulheres entre 20 e 24 anos eram casadas com um chefe de domicílio, ao passo que mais de 4 entre 10 mulheres e 7 entre 10 homens de 15 a 24 anos

(13) Existe atualmente vasta literatura sobre o que os estudiosos querem (e queriam) dizer com o termo "proto-industrial". Neste trabalho, significa a fabricação, em casa ou em uma pequena oficina, de produtos para um mercado não-local.

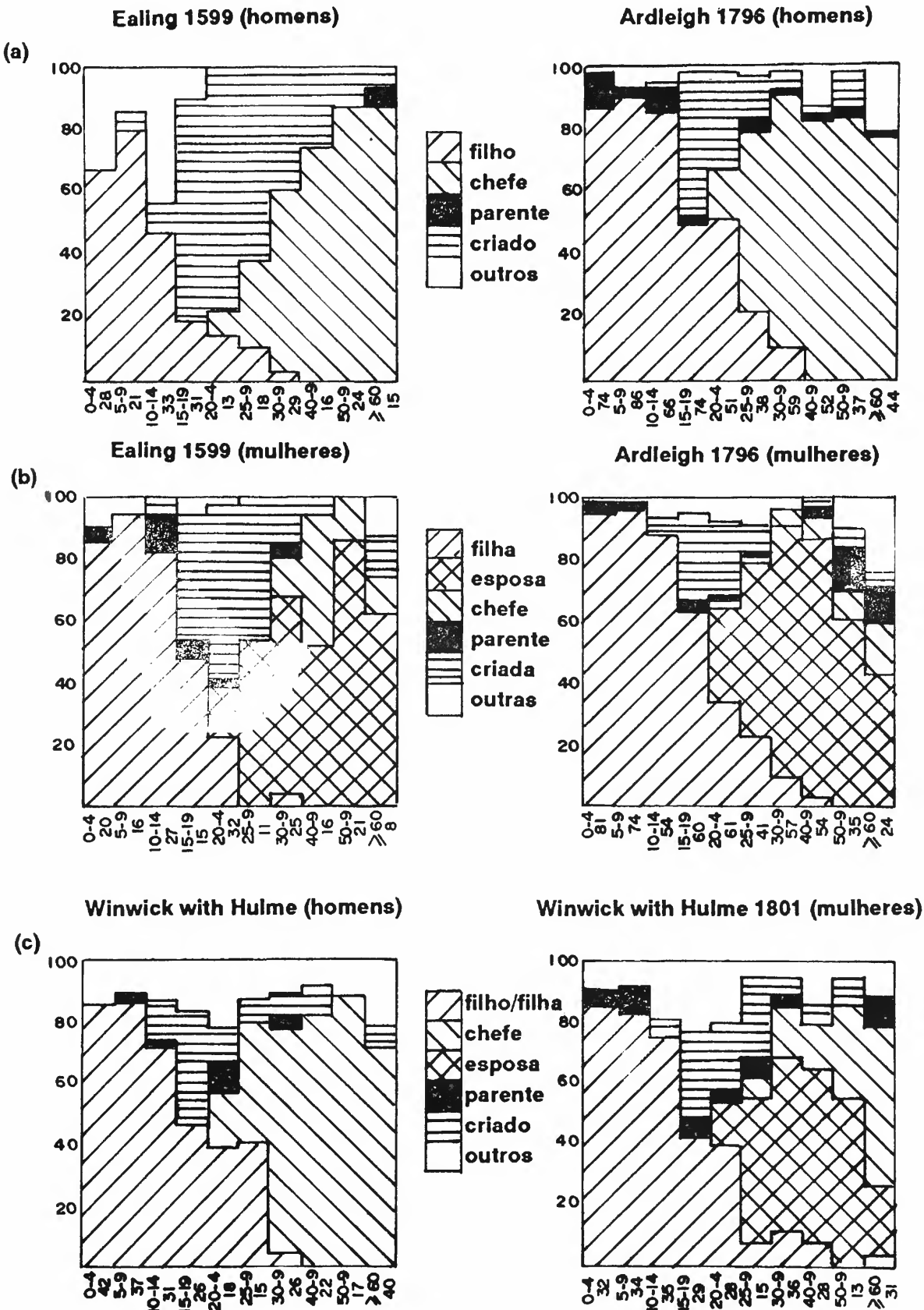
(14) Os estudos de FILDES (1986), FILDES (no prelo) e Gillian Clark (a ser publicado em *Local Population Studies*) revelam que de Londres enviavam-se crianças para serem criadas pela ama aos condados próximos e às vezes até mais longe, onde podiam permanecer com a mesma ama durante vários períodos, em alguns casos por vários anos. Infelizmente, a questão crucial de quantos pais de fato enviavam os filhos continua sem resposta, pois as crianças somente foram arroladas em caso de óbito ou, em raros exemplos, como em Ealing, juntamente com as amas. Talvez se possa argumentar em favor de excluir da população residente as crianças enviadas para criação e os escolares, por serem forasteiros com residência permanente em outro lugar, mas, por outro lado, não existe um modo de avaliar o quanto a população residente deve ser aumentada para levar em conta os que estavam temporariamente ausentes.

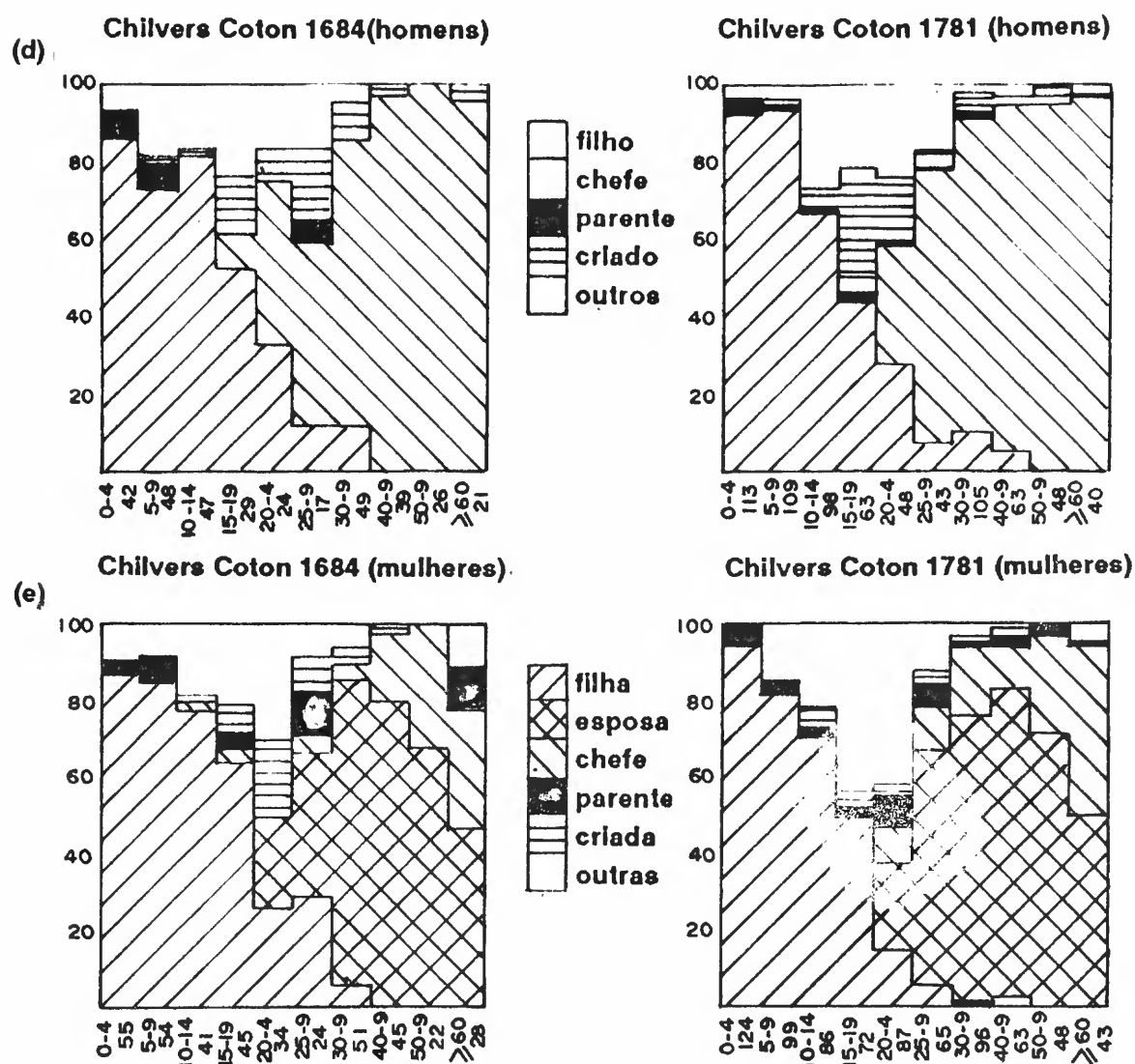
eram criados. Porém, mais uma vez é difícil julgar que tudo isso caracterize a situação no século dezesseis, pois a idade com que os indivíduos se casavam e se tornavam chefes de domicílio parece um tanto avançada para um período geralmente considerado de rápido crescimento populacional devido à pouca idade por ocasião do primeiro casamento (SMITH, 1978, p. 217). Por outro lado, o censo foi realizado em 1599, em seguida às crises de escassez e mortalidade da década de 1590. No âmbito nacional, a mortalidade fora bem acima da média em 1597 e 1598, e o índice de casamentos declinara até seu ponto mais baixo desde os anos de crise de meados daquele século (WRIGLEY & SCHOFIELD, 1981, p. 333-5, 528). Portanto, não é improvável ter-se verificado em Ealing um certo adiamento dos casamentos e uma elevação na idade de contrair matrimônio, embora o único indício de uma situação de crise no censo seja o grande número de viúvas na faixa dos quarenta anos como chefes de domicílio (Figura 1b). Outra possibilidade, a de que os índices de chefia de domicílio e as proporções de casados fossem baixos devido apenas ao substancial afluxo de criados, pode ser rejeitada. Seis em cada dez chefes de domicílio casados eram designados como agricultores que produziam para subsistência. Alguns, como o reduzido grupo de pequenos proprietários rurais, mantinham criados em casa, enquanto a maioria provavelmente suplementava a renda de seu próprio pedaço de terra com trabalho assalariado⁽¹⁵⁾. No entanto, era raríssimo qualquer agricultor tornar-se chefe de domicílio antes dos trinta anos.

A forma do domicílio em Ealing em 1599 pode ser proveitosamente comparada à encontrada em Ardleigh dois séculos mais tarde. A paróquia de Ardleigh, no condado de Essex, era predominantemente agrícola, assim como Ealing. Embora a proximidade do mar implicasse que diversos jovens encontrassem emprego como marinheiros e que existisse um punhado de artesãos, como ferreiros, carpinteiros e fabricantes de rodas prestando serviços à comunidade agrícola, quase três quartos dos homens casados ocupavam-se diretamente da agricultura, produzindo para o mercado ou para subsistência. São evidentes as diferenças fundamentais no ciclo de vida em relação a Ealing (Figuras 1a e 1b): chegava-se bem mais cedo à chefia do domicílio, uma proporção muito maior do período reprodutivo das mulheres

(15) Costuma-se considerar o agricultor que produzia para subsistência (*husbandman*) um status intermediário entre o pequeno proprietário rural (*yeoman*) e o trabalhador braçal (LASLETT, 1984, p. 39, 44-5). O significado exato do termo em uma comunidade como Ealing, onde havia tão-somente um indivíduo classificado como trabalhador braçal, ou em Ardleigh, onde não havia nenhum, é outra questão, e entre os agricultores, especialmente em Ardleigh, podem ter existido vários, ou até mesmo uma maioria de indivíduos, que poderiam ter sido designados como trabalhadores braçais.

FIGURA 1. POPULAÇÃO SEGUNDO IDADE, SEXO E RELAÇÃO COM O CHEFE DO DOMICÍLIO





decorria durante o casamento e o domicílio abrigava mais parentes, de ambos os sexos, ainda que a proporção de criados houvesse declinado em importância. Algumas das características do ciclo de vida, a crescente probabilidade de que mulheres idosas fossem viver em casa de um parente ou em pensões (representadas pela categoria "outros" na Figura 1b) são bem evidentes, e podem resultar em parte da ação das autoridades encarregadas da implementação da lei dos pobres, subsidiando o cuidado dos idosos pelos membros mais jovens da comunidade⁽¹⁶⁾ Padrão um tanto semelhante foi identificado em Colyton em meados do século dezenove, embora com

(16) Os pagamentos estão documentados no notável livro de ERITH (1978). Uma análise detalhada do relacionamento entre as formas de domicílio e a política da lei dos pobres foi realizada por Thomas Sokoll, pesquisador do Grupo de Cambridge.

predominância muito maior dos casos em que a pessoa passava a viver com parentes em vez de em pensões⁽¹⁷⁾.

Para traçar o perfil do ciclo de vida em uma comunidade proto-industrial, é possível usar o levantamento de Winwick with Hulme, concluído em 1801 em cumprimento à lei que autorizou a realização do primeiro censo nacional, sendo porém muito mais detalhado do que o exigido. Winwick with Hulme situa-se ao norte da Inglaterra, na fronteira entre Lancashire e Cheshire. Em 1801 coexistiam nessa comunidade a agricultura e a tecelagem de algodão. A localidade também era digna de nota por ali residir o Reverendo Geoffrey Hornby com a esposa, nove filhos e catorze criados. Como com ele viviam também dois outros *gentlemen* clérigos acompanhados respectivamente de nove e cinco pessoas, 39 indivíduos na população total de 575 habitantes em 1801 residiam naquela única casa⁽¹⁸⁾.

Surpreendentemente, ainda se conhece muito pouco acerca das formas que os domicílios podiam assumir nas comunidades proto-industriais. Em geral supõe-se que o grosso da mão-de-obra teria sido fornecido pelos membros mais próximos da família, suplementado quando necessário com o recurso a outros parentes⁽¹⁹⁾. Isso nos levaria a esperar uma idade pouco elevada por ocasião do casamento e ascensão à chefia de domicílio, bem como a presença no domicílio de um considerável grupo de parentes. Mas a realidade foi bem diferente (Figura 1c). O casamento e a chefia do domicílio ocorriam mais tarde em Winwick do que na comunidade agrícola de Ardleigh. As outras características marcantes do ciclo de vida eram o grande número de mulheres chefiando domicílios a partir dos cinquenta anos de idade e a predominância de inquilinos (Figura 1c, "outros"). Viver em casa alheia era mais provável na adolescência e início da idade adulta para as mulheres e no início da vida adulta e na velhice para os homens. Os parentes não apareciam em grande número, e na verdade não eram notavelmente mais freqüentes do que nos domicílios de Ardleigh. Tampouco o surgimento da proto-indústria extinguiu a figura do criado que morava na casa do patrão; isso pode ser explicado em parte pelos domicílios dos clérigos, mas também os agricultores parecem ter sido capazes de encontrar jovens de ambos os sexos dispostos a servi-los⁽²⁰⁾.

(17) Ver WALL (1986). Ver também o perfil do ciclo de vida na localidade rural de West Flanders em WALL (1983, p. 393).

(18) O domicílio de outro clérigo, composto de 7 indivíduos do sexo feminino e 37 do masculino, dos quais 36 eram *gentlemen* que pagavam para ali residir, foi incluído na população total mas excluído de todos os outros cálculos neste trabalho por falta de especificação das idades.

(19) Pelo menos, essa parece ser a opinião no agora clássico trabalho de MEDICK (1976).

(20) Nos domicílios dos dois clérigos empregavam-se no máximo 20 do total de 55 criados em Winwick.

Para compreendermos como era uma comunidade proto-industrial há aproximadamente um século, podemos voltar nossa atenção para Chilvers Coton, no condado de Warwick. Por sorte nessa localidade foram realizados levantamentos em pelo menos duas ocasiões distintas, 1684 e 1781. Em 1684 não predominava nenhum ofício artesanal. Trinta e seis dos homens casados podiam ser designados artesãos. Destes, sete teciam seda e outros sete fabricavam ancinhos. Em nenhum outro ofício encontravam-se mais do que quatro profissionais. Havia na população oito fabricantes de pregos, dentre os quais quatro solteiros. Em 1781, a população quase dobrara, e 102 dos 132 artesãos casados – 40% de todos os homens casados – trabalhavam na tecelagem de fitas. A produção de ancinhos fora totalmente abandonada, e a mineração diminuía em importância, não só na participação na força de trabalho mas também em termos absolutos.

Quanto ao que podem revelar esses levantamentos sobre a estrutura da família e do domicílio, porém, ambos apresentam dificuldades. Nenhum dos dois se encontra entre aqueles que, em circunstâncias ideais, seriam escolhidos para se trabalhar, e por esse motivo foram omitidos do conjunto de levantamentos que forneceram os dados para o quadro geral dos domicílios apresentado na tabela 1⁽²¹⁾. A especificação dos relacionamentos na lista de 1684 é incompleta, e alguns indivíduos podem ter sido alocados incorretamente⁽²²⁾. Na lista de 1781 um número bem maior de relacionamentos permanece sem especificação, e assim o perfil do ciclo de vida naquele ano não passa de um esboço. O número de criados, identificáveis apenas quando especificados na lista, de parentes e descendentes provavelmente está subestimado, mas não pode restar muita dúvida acerca do aumento do número de inquilinos desde 1684⁽²³⁾. Qualquer outra mudança que possa ter ocorrido é ainda mais incerta, mas parece possível que tenha havido um aumento no número de parentes no domicílio e que na década de 1780 filhos e filhas tenham começado a sair da casa paterna com menos idade do que ocorria na década de 1680 (Figura 1d e 1e). As deficiências dos censos de Chilvers Coton dificultam comparações diretas

(21) Também o levantamento de Winwick não se enquadrou nos rigorosos critérios estipulados para a inclusão na Tabela 1, já que as esposas e a prole não foram especificamente identificadas.

(22) Pessoas sem relação especificada com o chefe do domicílio e com o mesmo sobrenome deste foram classificadas como esposa quando mulher, citada em segundo lugar no arrolamento do domicílio e com diferença de idade de no máximo 20 anos em relação ao chefe; caso contrário, foram classificadas como descendentes. Sendo o sobrenome diferente e não estando as pessoas designadas como criados, supôs-se que não tinham parentesco com nenhum membro do domicílio, sendo enquadradas na categoria "outros".

(23) A prole fica subestimada devido à impossibilidade de identificar os enteados. Não podem ser identificados os parentes das mulheres sempre arroladas como casadas, já que seus nomes de solteiras nunca foram registrados.

com a outra comunidade proto-industrial, Winwick, mas em ambas as comunidades o maior número de inquilinos parece ter-se concentrado em pessoas que se encontravam na adolescência ou no início da idade adulta. Em 1781, a incidência de inquilinos em Chilvers Coton também aumentou entre os idosos, como em Winwick.

TABELA 2
ÍNDICES DE CHEFIA DE DOMICÍLIO

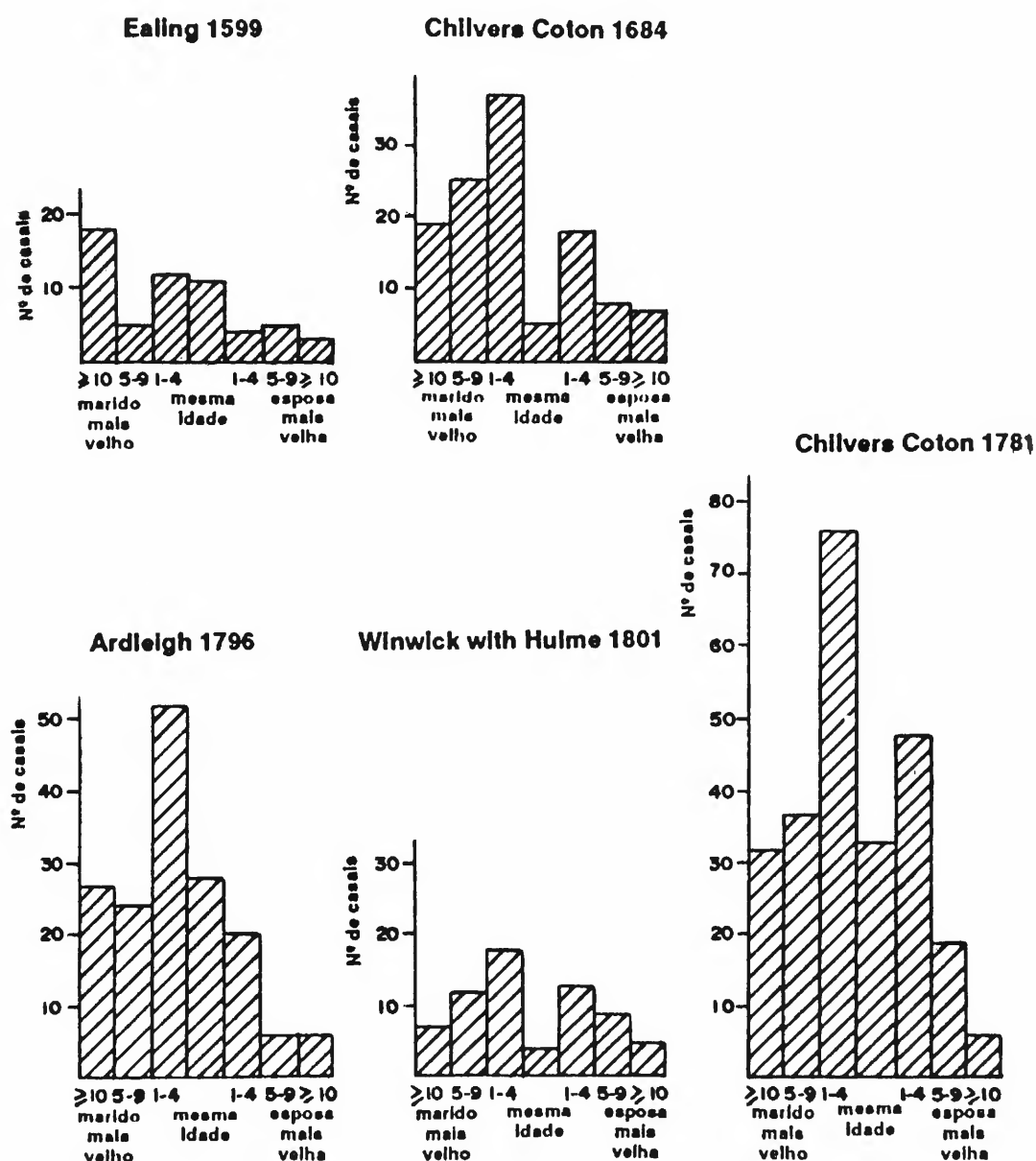
Faixa Etária	Ealing 1599		Ardleigh 1796		Winwick with Hulme 1801		Chilvers Coton 1684		Chilvers Coton 1781	
	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.	Hom.	Mul.
15-190	0	0	0	0	0	0	10	4	0	0
20-24	8	16	16	33	17	14	42	24	16	16
25-29	28	54	58	58	40	54	47	42	51	52
30-39	59	76	81	86	73	73	73	84	70	69
40-49	75	94	83	90	82	71	97	98	83	84
50-59	88	100	84	69	88	85	100	100	87	85
>=60	88	74	77	59	71	74	95	78	80	79

Nota: Índice de chefia definido como a porcentagem da população de cada sexo chefiando um domicílio ou casada com chefe de domicílio.

Até agora, poucos detalhes foram apresentados sobre as diferenças entre os perfis do ciclo de vida de homens e mulheres. Essa questão é tratada na Tabela 2, com um exame dos índices de chefia de domicílio por homens e mulheres. Para os efeitos dessa tabela, o conceito de chefia de domicílio foi ampliado para incluir a esposa do chefe. Isso facilita a comparação direta da idade com que homens e mulheres passavam a exercer as responsabilidades associadas à direção de um domicílio. À medida que a chefia de domicílio assim definida indica que a pessoa atingiu o status de adulto – em contraste, por exemplo, com o casamento ou procriação – pode-se dizer que as mulheres entravam mais cedo do que os homens na "plenitude da idade adulta" em ambas as comunidades agrícolas (Ealing e Ardleigh, faixa etária de 20-24 anos). Entretanto, surpreendentemente, esse não foi o caso em nenhum dos levantamentos de comunidades proto-industriais. Nestas, em comparação com as mulheres, os homens chegavam cedo à chefia do domicílio. Os outros aspectos dignos de nota são as tendências da chefia de domicílio nas últimas fases do ciclo de vida. Na maioria dos grupos etários e em todas as

comunidades havia alguns homens e mulheres que não eram chefes de domicílio nem esposas de chefes. Era relativamente tarde no ciclo de vida, quando homens e mulheres já se encontravam na casa dos cinquenta anos, que os índices de chefia de domicílio atingiam o máximo. Depois disso, esses índices geralmente declinavam, especialmente no caso das mulheres, provavelmente indicando uma crescente dependência na velhice.

FIGURA 2 - DIFERENÇA DE IDADE ENTRE CÔNJUGES



O exame da chefia de domicílio pode ser vantajosamente complementado com o estudo das diferenças de idade entre os cônjuges. A Figura 2 mostra o número de casais nos casos em que marido e mulher tinham a mesma idade ou uma diferença de 1 à 4, 5 a 9 e 10 ou mais anos. É preciso deixar claro desde já que estamos tratando aqui de todos os casamentos, e não apenas dos que se casaram pela primeira vez. Isso explica

o número relativamente elevado de maridos mais velhos do que as esposas em 10 anos ou mais. Nos casos de primeiro casamento, não mais que 12% dos maridos teria tanta diferença de idade em relação à esposa⁽²⁴⁾. Não obstante, mesmo com base em todos os casamentos, o maior grupo isolado, exceto em Ealing, compunha-se de casos em que o marido tinha aproximadamente 1 a 4 anos a mais do que a esposa. Os casais em Ealing em 1599 diferenciam-se notavelmente dos demais. Nessa comunidade, quase um terço dos maridos era pelo menos dez anos mais velhos do que as esposas, fato que sem dúvida reflete a ocorrência de segundos casamentos em seguida à elevada mortalidade experimentada em anos anteriores daquela década. Os padrões matrimoniais em Winwick também se diferenciam porque em 40% de todas as uniões a esposa é que era o cônjuge mais velho. Não se pode ter certeza de que essa deva ser considerada uma característica distintiva de comunidades proto-industriais. Também Chilvers Coton era proto-industrial e, embora fossem registradas ali maiores proporções de esposas mais velhas do que os maridos em 1684 e 1781 em comparação com as duas comunidades agrícolas (Ealing e Ardleigh), essas proporções foram bem menores do que as verificadas para Winwick⁽²⁵⁾.

Com mais razão pode-se argumentar que ocupações diferentes, pelo menos no que concerne aos principais grupos, requeriam diferentes estratégias matrimoniais. Estas, porém, surpreendentemente são de difícil compreensão, talvez devido ao número reduzido de uniões disponíveis para análise quando os casamentos em cada comunidade são distribuídos segundo o grupo ocupacional dos maridos. Não procuraremos aqui comprovar detalhadamente esse argumento, sendo suficientes algumas observações simples. A primeira é que não há indícios de que as necessidades ligadas ao aprendizado e prática de um ofício incentivassem o artesão a escolher uma esposa um pouco mais velha do que ele. Em Chilvers Coton, tanto em 1684 como em 1781, havia pelo menos o mesmo número de trabalhadores braçais e artesãos que eram mais jovens do que as esposas. Por outro lado, era notavelmente mais raro em todas as comunidades (exceto Ealing) um artesão ter dez ou mais anos a mais do que a esposa. Novamente excetuando-se Ealing, menos do que um em dez casamentos de artesãos eram desse tipo. No entanto, essas grandes diferenças de idade existiam com muito mais frequência entre a comunidade de agricultores. Isso indica que o que distinguia os vários grupos ocupacionais pode não ser tanto suas estratégias matrimoniais como suas estratégias por ocasião do segundo casamento;

(24) Esse resultado foi obtido mediante a reunião de todos os estudos de reconstituição disponíveis para o Grupo de Cambridge em 1982. Ver WRIGLEY & SCHOFIELD (1983, p. 166).

(25) Sou grato a David Wall pelas informações sobre as diferenças de idade entre cônjuges em Chilvers Coton no ano de 1781.

contudo, é uma questão em aberto saber se o segundo casamento em uma idade mais avançada era um sinal de abastança ou um meio de assegurar sua continuidade.

A Saída da Casa Paterna

O último conjunto de resultados a ser apresentado refere-se ao número de filhos adolescentes e adultos que residiam com os pais. Para essa finalidade, pode ser usado um número de levantamentos bem maior do que no caso do quadro geral dos domicílios resumido na Tabela 1, pois não se faz necessário agora que todos os habitantes tenham um relacionamento claro e inequívoco com o chefe do domicílio ou mesmo que os domicílios estejam bem delimitados. Requer-se tão-somente que a prole esteja identificada e, naturalmente, as idades especificadas. Para maximizar o número de observações, decidimos pela inclusão de algumas listas que citam os nomes dos habitantes mas não especificam os relacionamentos, apesar do óbvio risco de confusão entre os filhos e os demais parentes no domicílio. A raridade da existência de parentes em geral nos domicílios ingleses leva a crer que, no máximo, essa omissão produziria apenas um impacto insignificante sobre o cálculo do número de filhos que permaneciam com os pais. Menos provável ainda é confundir filhos com criados, pois destes últimos poucos tinham o mesmo nome do patrão. Não obstante, até 1801 (inclusive) haviam sido realizados apenas 23 levantamentos que se enquadravam nesses critérios nada rigorosos⁽²⁶⁾. Ademais, alguns destes eram levantamentos parciais que excluía ou especificavam de modo incompleto os setores mais abastados da população, como em Cardington em 1782, Terling em 1775 e 1778 ou Binfield em 1801. Outros levantamentos eram de populações rurais tão pequenas que não forneciam um número suficiente de filhos para uma análise eficaz.

Uma medida bastante simples da idade de saída da casa paterna obtém-se contando o número de filhos entre 15 e 19 anos e comparando com os da faixa de 10 a 14⁽²⁷⁾. Mas antes de prosseguir, convém deixar claro o que não está sendo medido com esse procedimento. Não é possível, por exemplo, encontrar a idade exata com que se deixava a casa paterna, nem saber quantos filhos podiam estar vivendo separados dos pais. Havia menos filhos

(26) Um número muito maior de levantamentos encontra-se à disposição para as três primeiras décadas do século dezenove. Apenas alguns foram incluídos nas Tabelas 3-6 para fins de comparação. Nestas tabelas, adotamos uma definição de prole mais ampla do que na Figura 1, abrangendo todos os descendentes solteiros residindo com pelo menos um dos pais, enquanto na Figura 1 incluímos na definição apenas os descendentes do chefe de domicílio.

(27) MAC FARLANE (1979, p. 209) parece ter sido o primeiro a usar essa técnica para uma população histórica.

na faixa de 15-19 anos do que na de 10-14, não só porque alguns haviam saído da casa paterna mas também porque alguns filhos – e, mais importante, também alguns pais – haviam morrido. Havia filhos que se mudavam por necessidade devido à morte dos pais; outros, teoricamente, poderiam ter permanecido caso houvesse condições de continuarem a morar no local e ao mesmo tempo encontrarem emprego. Para nosso propósito, como queremos verificar os padrões residenciais de todos os jovens, não é imprescindível distinguir entre os dois grupos⁽²⁸⁾

Introduzir uma compensação pelas mortes ocorridas na adolescência reduziria os índices de saída da casa paterna nas comunidades relacionadas na Tabela 3, mas apenas em cerca de 2% a 4%⁽²⁹⁾. Portanto, não deve haver grande margem para dúvida de que a adolescência caracterizava-se pela saída em massa da casa paterna. Para cada cem filhos entre 10 e 14 anos residentes com os pais, podia haver menos de quarenta ainda presentes nas idades de 15 a 19 anos (Tabela 3). A razão disso já deve estar evidente. Os jovens mudavam-se à procura de emprego como criados, ou iam morar como inquilinos. Poucos com menos de vinte anos, como vimos acima, já se teriam casado e formado o próprio domicílio. Mais curiosa é a variação entre as comunidades nas idades de saída. Em algumas, incluindo duas já examinadas com certo detalhamento, Chilvers Coton e Ealing, os filhos aparentemente saíam em número tão elevado que havia menos da metade na faixa de 15 a 19 anos em comparação com os de 10 a 14. Os índices de saída eram mais baixos em duas das outras comunidades já examinadas, Ardleigh e Winwick. Lembramos que Ardleigh era predominantemente agrícola e Winwick proto-industrial, mas muitas das outras localidades com baixos índices de saída, Lichfield, Puddletown, Wetherby e Corfe Castle, eram urbanas ou assemelhavam-se a urbanas, pois sua estrutura ocupacional incluía um número significativo de artesãos. Entretanto, a relação está longe de ser bem definida, tampouco havendo qualquer sinal de uma tendência ao longo do tempo a índices de saída mais baixos ou mais elevados.

Ao esmiuçarmos mais a análise para considerar a variação nos índices de saída segundo o grupo ocupacional do pai, constatamos que esses índices eram mais elevados quando o pai era trabalhador braçal. Isso se coaduna com a expectativa de que os filhos de trabalhadores braçais ver-se-iam forçados a deixar a casa paterna em busca de emprego na agricultura ou como criados domésticos quando os patrões exigissem empregados que morassem consigo.

(28) Um estudo do número de filhos que viviam separados dos pais foi por mim concluído em 1978, baseado em parte nas raras listas que especificaram o número de filhos nascidos e sobreviventes na data do levantamento e em parte no cruzamento das famílias constantes no censo com dados sobre essas famílias encontrados no registro paroquial, para identificar os filhos ausentes (WALL, 1978).

(29) Estimativa sugerida por WRIGLEY & SCHOFIELD (1983, p. 179).

Não apresentaremos os resultados em detalhes, já que a análise da prole segundo a idade e ocupação dos pais pode depender de números muito reduzidos em determinadas categorias. Contudo, está claro que muitos dos filhos de artesãos também podiam esperar ter de deixar a casa paterna na adolescência. Para cada 100 crianças entre 10 e 14 anos cujo pai era artesão em Corfe Castle em 1790, havia 74 na faixa de 15 a 19 anos. Em Chilvers Coton, em 1781, estes eram apenas 40. Também os agricultores podem ter "perdido" filhos, mas compunham um setor tão pequeno da população que a medida do índice de saída fica prejudicada por variações aleatórias.

Além de medir o índice de saída da casa paterna, é necessário examinar quem partia e quem ficava. As questões a serem consideradas aqui

TABELA 3
DIMINUIÇÃO DO GRUPO DA PROLE

Localidade	Data	Prole entre 15 e 19 anos ^(a)
Ealing	1599	(33)
Chilvers Coton	1684	44
Eccleshall	1693/8 ^(b)	45
Lichfield	1695	64
Buckfastleigh	1698	50
Stoke	1701	60
Puddletown	1724/5	68
Terling	1775 ^(b)	(37)
Wetherby	1776	62
Terling	1778 ^(b)	(67)
Chilvers Coton	1781	45
Cardington	1782 ^(b)	41
Corfe Castle	1790	50
Ardleigh	1796	69
Binfield	1801 ^(b)	35
Barkway + Reed	1801	58
Winwick with Hulme	1801	62
Littleover	1811	(42)
Mickleover	1811	(41)
Corfe Castle	1821 ^(b)	60
Stoke Poges	1831 ^(b)	48

Notas: Foram excluídas as localidades com menos de 50 descendente de qualquer idade. Os números baseados em menos de 80 descendentes entre 10 e 19 anos são dados entre parênteses.

(a) Prole entre 10 e 14 anos = 100

são se havia maior probabilidade de permanecerem os filhos do que as filhas e se as moças poderiam ser mais propensas a ficar com a mãe viúva, como sugeriu ANDERSON (1971. p. 126) em seu estudo sobre Preston em meados do século dezenove.

TABELA 4
RAZÃO DE MASCULINIDADE DA PROLE COM 10 ANOS E MAIS

Localidade	Data	Todos os Domicílios	Chefiados por Viúvas	Chefiados por Homens
Ealing	1599	63	48	68
Chilvers Coton	1684	82	(70)	83
Eccleshall	1693/8 ^(a)	86	60	95
Lichfield	1695	75	38	90
Buckfastleigh	1698	91	100	90
Ringmore	1698	72	(45)	(114)
Stoke	1701	89	100	85
Gissing	1705	(86) ^(b)		-
Puddletown	1724/5	72	30	96
Alvington	1765	(75)	-	(71)
Terling	1775 ^(a)	64	-	68
Wetherby	1776	83	45	95
Carleton Rode	1777	63 ^(b)		56 ^(b)
Terling	1778 ^(a)	58		66
Wembworthy	1779	106		136
Chilvers Coton	1781	112	100	115
Cardington	1782 ^(a)	60	28	70
Astley	1782	110	-	116
Corfe Castle	1790	98	50	107
Ardleigh	1796	106	120	104
Binfield	1801 ^(a)	106	(43)	114
Barkway + Reed	1801	158	167	156
Winwick with Hulme	1801	93	43	109
Littleover	1811	85		84
Mickleover	1811	128		139
Corfe Castle	1821 ^(a)	116	120	115
Stoke Poges	1831 ^(a)	164	-	168

Notas: Excluídos os casos em que há menos de 10 descendentes em uma determinada categoria. As razões baseadas em menos de 20 descendentes são dadas entre parênteses.

(a) Alguns setores da população não foram recenseados.

(b) Descendentes com idade = 16 anos.

Razão de masculinidade conforme Tabela 5.

Consideremos inicialmente na Tabela 4 todos os filhos com mais de dez anos de idade. As informações são apresentadas na forma de uma série de razões de masculinidade. A razão 100 indica o mesmo número de filhos e filhas; razões muito acima de 100 indicam predominância de filhos que permaneciam em casa dos pais, e muito abaixo, predominância de filhas. A hipótese subjacente aqui é a de que, dada uma razão de masculinidade por ocasião do nascimento de aproximadamente 105 homens para 100 mulheres e as taxas de mortalidade ligeiramente mais elevadas para os meninos recém-nascidos e na primeira infância (SMITH, 1978, p. 210-211), o principal fator a influenciar a razão de masculinidade nessa faixa etária específica, a de filhos com mais de dez anos, seria a migração diferenciada. Sendo aceitável esse argumento, pode-se ver que era muito raro no caso da Inglaterra os filhos permanecerem na casa paterna mais do que as filhas. Apenas no caso de Barkway e Reed em 1801 e Stoke Poges em 1831 – que de qualquer modo é um levantamento parcial, pois exclui os domicílios da pequena nobreza e dos agricultores – há sinais de um substancial êxodo das filhas⁽³⁰⁾. Por outro lado, parece ser muito mais provável que nos últimos anos do século dezoito e nas três primeiras décadas do dezenove permanecessem na casa paterna relativamente mais filhos do que em épocas anteriores. Até a realização do censo de Wembworthy, em 1779, não se verificara nenhum caso registrado da existência de mais filhos do que filhas com mais de dez anos de idade residentes na casa paterna. A partir daquela data, a razão de masculinidade com regularidade foi superior a 100. As razões dessa mudança são obscuras. Podem ser consequência de se estudarem lugares diferentes em épocas diferentes. Uma linha de argumentação alternativa buscaria a explicação em termos das mudanças na natureza do mercado de trabalho, com o declínio da demanda por empregados do sexo masculino em propriedades agrícolas⁽³¹⁾. O aumento da razão de masculinidade é de fato mais acentuado nas localidades que poderiam ser classificadas, com base na estrutura ocupacional, como agrícolas, e não urbanas ou proto-industriais, sendo nessas comunidades que os estudos futuros poderiam concentrar-se com maior proveito.

Menos dificuldade encontra-se na etapa final da análise da Tabela 4 – a procura de confirmação para a constatação de Michael Anderson quanto à

(30) Tom Doig, diretor do Cambridge Folk Museum, que está empenhado em um estudo intensivo da população de Barkway, sugeriu-me que o êxodo explica-se pela educação dada às moças, que as tornava muito procuradas como criadas domésticas. Em Stoke Poges é bem claro que as moças ausentes mais novas realmente estavam empregadas como criadas, pois a lista fornece detalhes sobre os filhos ausentes. Menos certo é se essas oportunidades de emprego como criadas teria provocado um êxodo tão acentuado das filhas, já que a demanda por criados deve ter sido de caráter muito geral.

(31) KUSSMAUL (1981, 120 f.), e sobre empregados em geral, ver WALL (1979, p. 97-8).

localidade de Preston de que as filhas residiam com as mães viúvas com maior frequência do que os filhos. Isso não se verificou em algumas localidades, mas estas eram apenas uma minoria. Somente em Buckfastleigh, Stoke, Ardleigh, Barkway e Corfe Castle (só a cidade) em 1821 havia relativamente mais filhos em domicílios chefiados por viúvas do que nos chefiados pelo pai.

Nas sociedades passadas, os filhos não deixavam definitivamente a casa paterna. O tempo de serviço junto a determinado patrão tipicamente não durava mais do que um ano, e o filho podia retornar ao lar entre um emprego e outro. Assim, é possível, e mesmo provável, que a razão de masculinidade no grupo dos descendentes variasse segundo a idade destes. Em especial, poder-se-ia esperar que fosse registrada uma razão de masculinidade mais elevada para os filhos com mais idade, pois acima dos vinte anos muitas mulheres poderiam já estar casadas, e alguns dos homens residentes no domicílio poderiam estar à espera da herança. Entretanto, a tabela 5 fornece uma confirmação apenas parcial. Embora geralmente seja verdade que depois dos vinte anos mais filhos do que filhas residiriam com os pais em comparação com os descendentes de menos idade, em 9 das 22 comunidades havia mais filhas do que filhos acima de vinte anos permanecendo na casa paterna. Isso a despeito do fato de os domicílios "feminizados" das viúvas não terem sido incluídos nesta tabulação específica⁽³²⁾.

Como "teste" do "fator herança" a tabela 5 naturalmente se mostra muito deficiente. Para examinar essa questão eficazmente, precisamos de informações sobre riqueza, status e posse de propriedades. Na verdade, contamos apenas com informações sobre a ocupação paterna. Estas são apresentadas na tabela 6, e de fato indicam que os agricultores poderiam ser mais propensos do que os trabalhadores braçais a conservar em casa os filhos, talvez por necessitarem da mão-de-obra dos membros da família do sexo masculino, e não porque desejassem transferir-lhes a herança. Certamente deve-se antever uma hierarquia na retenção dos filhos. Os agricultores e negociantes tinham negócios a dirigir, e os artesãos possuíam ao menos um ofício para legar, ao passo que os trabalhadores braçais presumivelmente não possuíam bens, exceto os que pertenciam à comunidade como um todo, tendo de vender seu trabalho onde este fosse necessário. Não obstante, apesar de tudo isso, em algumas comunidades os trabalhadores braçais tinham relativamente mais filhos homens residindo em

(32) A decisão de excluí-los foi tomada porque julgou-se que a prole das viúvas poderia estar concentrada em faixas etárias mais avançadas, com isso talvez ocultando o fato de que, sendo os outros fatores iguais, relativamente mais filhos do que filhas estariam presentes nas faixas etárias mais elevadas.

TABELA 5
RAZÃO DE MASCULINIDADE DA PROLE POR FAIXA ETÁRIA

Localidade	Data	Idade 10-14	Idade 15-19	Idade >=20
Ealing	1599	60	(100)	(67)
Chilvers Coton	1684	115	50	73
Eccleshall	1693/8 ^(a)	82	100	(167)
Lichfield	1695	134	91	40
Buckfastleigh	1698	93	109	65
Stoke	1701	70	83	123
Puddletown	1724/5	91	125	75
Terling	1775 ^(a)	95	(30)	(40)
Wetherby	1776	86	57	183
Terling	1778 ^(a)	81	(58)	(25)
Chilvers Coton	1781	115	96	144
Cardington	1782 ^(a)	123	39	15
Astley	1782	133	(67)	(400)
Corfe Castle	1790	104	90	142
Ardleigh	1796	111	94	106
Binfield	1801 ^(a)	94	100	225
Barkway + Reed	1801	210	87	228
Winwick with Hulme	1801	95	108	140
Littleover	1811	119	(50)	(50)
Mickleover	1811	104	162	(280)
Corfe Castle	1821 ^(a)	80	125	190
Stoke Poges	1831 ^(a)	122	254	271

Notas:

Razão de masculinidade = $\frac{\text{n. de filhos}}{\text{n. de filhas}} \times 100$

Foram excluídas localidades com menos de 20 descendentes entre 10-14 anos.

Outras razões baseadas em menos de 20 descendentes são dadas entre parênteses.

Foram excluídos os descendentes de viúvas.

^(a)Alguns setores da população não foram recenseados.

TABELA 6
RAZÕES DE MASCULINIDADE DA PROLE SEGUNDO OCUPAÇÃO DO PAI

Localidade	Data	Agricul- tor (subsis- tência)	Agricul- tor (merca- do)	Artesão	Trabalha- dor Bra- çal	Minei- ro	Peque- na no- breza	Nego- ciante
Ealing	1599	92			-		-	
Chilvers Coton	1684	(90)		82	31	233	-	
Eccleshall	1693/8	(50) ^(a)		69	154			
Lichfield	1695			-			135	-
Puddletown	1724/5	-		95	(42)			
Terling	1775	-			71		-	-
Wetherby	1776		(160)	94	(50)		-	83
Terling	1778				66			
Carleton Rode	1777		(71) ^(b)	-	-			(58) ^(b)
Chilvers Coton	1781		257	112	96			
Cardington	1782			57	70			
Astley	1782		120	(150)			-	
Corfe Castle	1790		82	89	120 ^(d)			211 ^(c)
Ardleigh	1796	71	172	182				(25)
Barkway + Reed	1801		175	(140)	121		-	250
Winwick with Hulme	1801		(78)	110	123			
Littleover	1811	-	(90)		(45)			
Mickleover	1811	-	(400)	177	87			
Corfe Castle	1821	-	-	200	84 ^(e)			(75)
Stoke Poges	1831	-		127	178			

Notas:

Excluídos todos os grupos ocupacionais com menos de 10 descendentes. As razões baseadas em menos de 20 descendentes são dadas entre parênteses.

^(a)Inclui pequenos proprietários.

^(b)Descendentes com 16 anos ou mais.

^(c)Inclui barqueiros. Excluindo-os, a razão de masculinidade é de 188.

^(d)Inclui trabalhadores de pedreiras, canteiros, mescladores de argila e pescadores. Excluindo-os, a razão de masculinidade é de 121.

^(e)Inclui mescladores de argila e oleiros; excluindo-os, a razão de masculinidade é de 89.

casa do que os artesãos e até mesmo os agricultores. Mais uma vez, a explicação deve estar na natureza do mercado de trabalho. As variações nas razões de masculinidade entre as localidades, inclusive quando se examinam os mesmos grupos (agricultores, artesãos e trabalhadores braçais), apontam na mesma direção. É importante perceber que, ao buscarmos uma explicação para o porquê de em algumas circunstâncias relativamente mais filhos do que filhas poderem permanecer na casa paterna, a resposta pode tanto residir na intensidade das forças que impeliam as filhas para fora de casa quanto na intensidade das que funcionavam no sentido de manter os filhos no lar paterno. Tal linha de raciocínio implicaria levar em conta a demanda por criados domésticos e as oportunidades existentes para o casamento e a formação de um domicílio em idade relativamente baixa. Em outras palavras, os padrões residenciais da prole têm de ser estudados dentro do contexto existente para o resto da estrutura social.

Conclusão

É fácil adotar uma postura muito preconceituosa a respeito da confiabilidade dos dados fornecidos por censos. John Rickman comentou, em seu prefácio ao quarto censo, que *"nenhuma questão inteiramente isenta de objeções foi apresentada, ou talvez possa ser apresentada, exceto a que indaga o verdadeiro número de homens e mulheres"* (*Enumeration Abstract*, 1, 1831, viii). Neste trabalho, adotamos uma visão mais positiva sobre as informações acerca dos padrões familiares e domiciliares contidas nos levantamentos, tenham eles se originado de iniciativa local ou feito parte de um estudo oficial de âmbito nacional sobre as condições da população. Iniciando com um quadro geral dos pequenos domicílios encontrados na Inglaterra pré-industrial, que pareciam repletos de criados mas mais avessos a acolher parentes além da família nuclear imediata, prosseguimos com o exame em maior detalhe de algumas das principais características do ciclo de vida em determinadas comunidades proto-industriais e agrícolas. No alvorecer do século dezenove em Winwick, centro de tecelagem de algodão, por exemplo, chegava-se ao o casamento e à chefia de domicílio com mais idade do que na comunidade agrícola de Ardleigh quase na mesma época. Um considerável número de moças mudava-se para quartos alugados mesmo antes dos quinze anos de idade, e podiam-se encontrar muitas mulheres com mais de cinquenta anos chefiando um domicílio. Entretanto, nem todas as comunidades proto-industriais eram necessariamente semelhantes, como demonstram claramente os dois levantamentos de Chilvers Coton. Um estudo mais amplo dos filhos que permaneciam com os pais após a idade de dez anos também apontou consideráveis variações entre as localidades, tanto em termos do índice de saída da casa paterna como da probabilidade de que mais

filhos do que filhas permanecessem em casa. Estudos adicionais poderiam com vantagem dedicar-se ao exame pormenorizado de algumas dessas comunidades.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Michael. *Family structure in nineteenth-century Lancashire*. 1971.
 _____ Household structure and the industrial revolution. In: LASLETT & WALL, *Household and family in past time*. 1972.
 _____ *Approaches to the history of the Western family*. 1980.
 ERITH, F.F. *Ardleigh in 1796: its farms, families and local government*. 1978.
 FILDES, Valerie. *Breasts, bottles and babies*. 1986.
 _____ The English wet nurse and her role in infant care, 1538-1800. *Medical History* (no prelo).
 HAJNAL. Two kinds of household formation system. In: WALL, ROBIN & LASLETT. *Family forms in historic Europe*. 1983.
 KUSSMAUL. *Servants in husbandry*. 1981.
 LASLETT. *Household and family in past time*. 1972.
 _____ *Family life and illicit love in earlier generations*. 1977.
 _____ *The world we have lost*. 3a. ed, 1984.
 LE PLAY. *Ouvriers des deux mondes*. 1857.
 MAC FARLANE. *The family life of Ralph Josselin*. 1970.
 MEDICK. The proto-industrial family economy. *Social History* 3(1), 1976.
 SMITH, R.M. Population and its geography in England, 1300-1730. In: BUTLIN, R. & DOGSHON, R. *An historical geography of England and Wales*. 1978.
 WALL, Richard. The age at leaving home. *Journal of Family History* 3(2), 1978.
 _____ Regional and temporal variations in English household structure from 1650. In: HOBcraft & REES. *Regional demographic development*. 1979.
 _____ Woman alone in English society. *Annales de démographie historique*. 1981.
 _____ Does owning real property influence the form of the household? In: WALL, ROBIN & LASLETT. *Family forms in historic Europe*. 1983.
 _____ The household: demographic and economic change in England, 1650-1970. In: WALL, ROBIN & LASLETT. *Family forms in historic Europe*. 1983.
 _____ Work welfare and the family: an illustration of the adaptive family economy. In: BONFIELD, SMITH & WRIGHTSON. *The world we have gained*. 1986.
 WALL, ROBIN & LASLETT. *Family forms in historic Europe*. 1983.
 WRIGLEY & SCHOFIELD. *The population history of England*. 1981.
 _____ English population history from family reconstitution. *Population Studies* 37, 1983.

(Originais recebidos em março de 1989).